



REPETIR O QUE E PARA QUÊ

Quem conhece pouco, muito o repete.

Thomas Fuller

Pode parecer, aos olhos do neófito, que uma parte do trabalho que se realiza, na aprendizagem das Artes Marciais, designado por Suburi, é um trabalho de repetição, enfadonho e profundamente cansativo. Repetir até à exaustão, sem pensar. Repetir o que nos mandaram fazer e não questionar. Será? Tenho a certeza que não. Sendo exteriormente um processo repetitivo, é só na forma exterior pois o objectivo é que o aluno se auto-observe, se questione sobre o que se está a passar a nível físico, mental e emocional.

Não estamos a falar obviamente daquilo que é hoje prática comum no nosso dia-a-dia, em que repetimos até à exaustão, aquilo que nos mandam dizer, de forma directa ou indirecta, através de processos educativos castradores ou de propagandas encomendadas, que são transmitidas por diversos mecanismos sociais existentes, sendo que a comunicação social, não escapa sem culpas. Tornamo-nos de elementos passivos e receptores a transmissores de um serviço ideológico sem que tenhamos consciência de tal.

Esta repetição não é o que fazemos no nosso trabalho. Somos analíticos, críticos, observamos as entrelinhas, o que está ausente do papel e o que está para além dele, as subtilezas da prosa, as contradições que só o conhecimento adequado dos assuntos nos permite detectar e fazer uma comparação e aceitação, ou rejeição, fundamentada ou melhor fundamentada. Quando as fontes faltam usemos a nossa experiência real da vida, e de acontecimentos semelhantes, para obter elementos de comparação. É tão fácil hoje em dia ser receptor de ideias absurdas, que aceitamos como credíveis porque nos tornamos pouco exigentes, ou porque nos emocionam através da manipulação dos sentimentos, seja pela alegria, tristeza ou mesmo pelo horror.

Quando se transmite na TV, e em outros órgãos de comunicação social notícias, de uma forma aparentemente críticas, situações de puro horror mas que acabam por não terem um conteúdo pedagógico e informativo, somente reactivo e emocional, estamos na realidade a fazer o que aqueles que advogam o terror querem. Não se chama a essa “filtragem” censura, chama-se: Bom senso. Dando um exemplo: Há pedófilos e sádicos que se satisfazem cometendo as mais horrorosas práticas. Vamos educar uma criança para os perigos descrevendo-lhes o que os pedófilos fazem? Claro que não somos crianças ... mas as emoções têm uma força muito grande. Quantos de nós são capazes de as gerir equilibradamente? Suburi é aprendizagem de nos equilibrar, olhar para nós e ver mais além. Ter um conhecimento mais perto da realidade do que estamos a fazer e do que somos já capazes de fazer. É um processo de fortalecimento e de amadurecimento da nossa personalidade. O suburi começa com a ordem que recebemos, e aceitamos, e termina com o momento em que sabemos que ele já não é necessário.

Lisboa, 21 de Agosto de 2014